

**Encontro da "Cátedra Vivenciar Paulo Freire e demais práxis emancipatórias":
101 anos de Paulo Freire.**

Faculdade UnB Planaltina - Edifício Ana Maria Primavesi (UEP)
Auditório Cora Coralina
1 de setembro de 2022

Caderno de Orientação/Proposição

Grupos de Trabalho



ENCONTRO DA CÁTEDRA
**"Vivenciar Paulo Freire e
demais práxis emancipatórias"**
101 anos de Paulo Freire

Semana Universitária UnB 2022
Faculdade UnB Planaltina
Confira a programação!

Auditório UEP
1 de setembro
14 horas

Inscrição:
<https://sig.unb.br/sigaa/public/extendensao/viewDadosCursoEvento.jsf>

Realização: Cátedra "Vivenciar Paulo Freire e demais práxis emancipatórias"

Universidade de Brasília
FUP | Faculdade UnB Planaltina

UnB 60

SU22

Semana Universitária UnB
29 ago - 2 set
100 anos de Darcy Ribeiro

Participante: _____

Grupo: () _____

SUMÁRIO

Programação	3
Carta aos participantes	4
Proposta de organização interna	7
Encaminhamentos	8
Subsídios:	
Carta de Paris (Conselho Mundial de Institutos Paulo Freire)	9
Sobre Paulo Freire	11
Referências para consulta	17

Encontro da “Cátedra Vivenciar Paulo Freire e demais práxis emancipatórias”:

101 anos de Paulo Freire.

Faculdade UnB Planaltina - Edifício Ana Maria Primavesi (UEP)

Auditório Cora Coralina

1 de setembro de 2022 – 14h

Semana Universitária 2022 – UnB: 100 anos de Darcy Ribeiro

PROGRAMAÇÃO:

13h30 - Inscrições.

14h - Acolhida e mística de abertura.

Apresentação dos movimentos participantes da Cátedra "Vivenciar Paulo Freire e demais práxis emancipatórias" - FUP - UnB.

14h30 - Roda de conversa: Desafio de construção da Cátedra na conjuntura atual e na dinâmica das Cátedras Paulo Freire no Brasil e no mundo.

**16h - Grupos de trabalho (por área de atuação/núcleos da Cátedra).
Planejamento interno e proposições para o próximo período.**

**17h30 - Plenária final (identidade da Cátedra, apresentação das propostas de trabalho dos GTS e encaminhamentos gerais)
Resultado do Concurso de logomarca**

19h- Lanche e confraternização

**20h - Início das atividades e manifestações culturais
freireanas/emancipatórias**

Conheça o espaço virtual Paulo Freire: espaço freireano da FUP

<http://fup.unb.br/espaco-virtual-paulo-freire/>

(Espaço inaugurado por ocasião do Centenário de Paulo Freire em 2021. Em constante construção o espaço abriga as ações culturais e acadêmicas e atividades de ensino, pesquisa e extensão da comunidade fupiana)

**Cátedra “Vivenciar Paulo Freire e demais práxis emancipatórias”
Faculdade UnB Planaltina**

Carta aos participantes

É com imensa alegria e esperançar freireano que hoje, neste início de setembro, mês em que celebramos os 101 anos de Paulo Freire, sentimos novamente acolhida a proposta de construção da presente Cátedra, no coração da Faculdade UnB Planaltina, cuja proposta já nasceu fruto do diálogo com os movimentos populares de educação, alguns deles já parceiros de longa data de nossa FUP.

Considerando a atual conjuntura, faz-se mais do que necessário que as iniciativas emancipatórias e que se identificam, caminhem juntas na mesma direção no sentido de unificar projetos, ações e pautas, construindo um diálogo permanente, tendo a práxis educativa como elemento unificador.

No Brasil e no mundo, algumas referências nos têm conduzido pelas trilhas de uma práxis emancipatória ou ao menos em tentativas de aproximação. Assim, movimentos sociais da cidade e do campo, pesquisadoras/es, trabalhadoras/es da educação, estudantes e demais simpatizantes das causas da educação buscam imprimir sua prática à luz da reflexão destes referenciais libertadores e dialógicos. Uma dessas referências ontológicas é o legado freireano que inspira educadoras/es no Brasil e no mundo, inspirando também o presente coletivo.

Sempre que pessoas referenciadas ou inspiradas na obra e pensamento de Paulo Freire se reúnem com o propósito de preservar a memória, difundir o legado freireano ou construir propostas coletivas, organizar projetos de extensão, círculos de estudo ou leitura, pesquisas acadêmicas, projetos nas comunidades ou ainda refletir acerca da obra e pensamento de Paulo Freire, historicamente ou com perspectiva nos dias atuais, nasce uma Cátedra Paulo Freire, ou seja um coletivo cujo plano de trabalho irá refletir a identidade, a história, os propósitos desse grupo, suas conexões e possibilidades de intervenção na realidade e organização sistemática de estudos e pesquisas.

O ano de 2021, ainda que consideradas as contradições causadas pela conjuntura atual e pelo contexto da pandemia de Covid-19, nos ofereceu por conta das celebrações do Centenário, intensa rede de debates, compartilhamentos, escritos e projetos tendo Paulo Freire e sua obra, por inspiração e referência.

Nesse contexto, a Universidade de Brasília no ano de 2021 constituiu agenda freireana por conta da celebração do Centenário. Seu evento de maior participação popular, a Semana Universitária, que homenageou o patrono da educação brasileira, contou com a participação da comunidade interna e externa de várias cidades e países.

Essa pauta foi seguida por vários setores da Universidade, incluindo a FUP que realizou uma agenda de atividades e reflexões por conta do Centenário, cuja

mobilização e esperar resultou na construção da Cátedra Paulo Freire, na FUP, nomeada coletivamente como **"Cátedra Vivenciar Paulo Freire e demais práxis emancipatórias" – FUP-UnB.**

Desse modo, a presente Cátedra, nascida de um desejo coletivo de longa data e impulsionada pela força esperançosa das celebrações do Centenário de Paulo Freire no Brasil e no mundo, que tiveram seu início em 2021, reúne educadores, pesquisadores, estudantes, militantes dos movimentos sociais e comunidade da FUP, que referenciam sua práxis e demonstram interesse em conhecer, praticar e difundir a obra freireana, buscando construir permanentemente um plano de trabalho em comum que visa promover o diálogo entre ensino, pesquisa e extensão de forma integrada, integradora, consolidando uma Cátedra aberta e participativa.

Assim, o objetivo do encontro é refletir acerca da identidade da Cátedra, caracterizada pelo diálogo e busca de construção coletiva com os movimentos de educação popular do Distrito Federal. A sistematização desse trabalho, portanto, com base no perfil do coletivo, suas possibilidades e seus desafios possibilitará a vivência de seu planejamento interno e organização de plano de trabalho para o próximo período.

Nos encontramos neste momento para consolidar as propostas iniciais já acolhidas em vários momentos coletivos e diálogos realizados até aqui. Partindo, pois, de propostas já acolhidas e dos encaminhamentos de reuniões da coordenação colegiada da Cátedra, aqui estão as propostas que foram sistematizadas e que estão em elaboração e execução com vistas à consolidação do projeto.

Seguem as propostas, incluindo a de estruturação interna constituída por **núcleos temáticos** articulados organicamente com o coletivo da Cátedra.

Lembramos mais uma vez que algumas propostas já estão em andamento (o encontro de hoje é uma delas), com grupos já estabelecidos, abertos permanentemente ao aprofundamento, ampliação de ações e à participação.

PROPOSTAS: (recebidas a partir de reuniões e plenárias realizadas desde 2021)

- Construir o **Plano de trabalho** da Cátedra **"Vivenciar Paulo Freire e demais práticas libertárias"** - FUP- UnB
- **Mapear as práticas existentes** na Universidade, nas organizações e nos movimentos sociais, seja em forma de propostas de intervenção ou que tenham Paulo Freire como objeto de estudo ou referencial de práxis educativa.
- Organizar um **encontro amplo** em 2022 para compartilhar experiências de inspiração freireana e para nos conhecermos melhor, coletivamente.
- **Articular a organicidade interna** da Cátedra, integrando eixos de trabalho/estudo ou projetos de extensão (em forma de organização dos saberes e experiências: frentes, núcleos) que organizem as áreas/temas: educação de jovens e adultos, formação de

educadores/as, educação do campo, linguagens, letramento racial, artes cênicas, ciências da natureza, agroecologia, mulheres, juventude, democracia, direitos humanos, saúde, soberania alimentar dos povos, artes, patrimônio histórico, pesquisa e memória, consciência política/consciência humana, pesquisa existencial, tecnologias e ciberespaço, educação científica e educação popular.

- Promover a **Frente dos Afetos**: momentos integradores permanentes (síncronos ou por espaços virtuais assíncronos) entre projetos, pessoas, instituições, fortalecimento dos vínculos, como um encontro anual da Cátedra (por exemplo, em setembro, em comemoração ao aniversário de Paulo Freire).

- Promover **estudos de aprofundamento da obra** de Paulo Freire (grupos de estudos de livros, teatralização de livros, transformação de trechos ou interpretações em cartuns ou histórias em quadrinhos, programas de rádio, vídeos para redes sociais, produção de documentários, arte e artesanato, entre outras linguagens) para popularização do pensamento freireano.

- **Defesa e prática de ensino superior na FUP, referenciado em Paulo Freire**, no ensino, na pesquisa e na extensão.

- Lançar o **Festival Literário Paulo Freire**, com edições periódicas, organizando-o em formato de projeto de extensão.

- Criar e consolidar o **Cine Clube Paulo Freire**.

- Fazer um **painel virtual** da Cátedra ou página vinculada ao site da FUP. (Espaço virtual da Cátedra).

- Manter um **informativo periódico** e outros canais de comunicação interna e externa.

- Estimular **estudos, produções acadêmicas e projetos integradores** na graduação, na pós-graduação e na extensão, referenciando-se em Paulo Freire (e seu pensamento) como elemento transdisciplinar.

- Fortalecer a **articulação com os movimentos sociais de Planaltina e do DF**.

- **Organização de produções/registros escritos e coletivos** com relatos de experiência, intervenção pedagógica ou reflexões (em formato de e-book ou revistas e publicações).

- **Estabelecer diálogos com as obras de**: Almicar Cabral, Alvaro Vieira Pinto, Frantz Fanon, José Martí, José Pacheco, Lauro Oliveira Lima, Maria Nilde Mascelani, Bell Hooks, Anísio Teixeira, Darcy Ribeiro entre outros.

- **Consolidar o presente coletivo como uma Cátedra Paulo Freire, aberta, participativa e em construção permanente.**

Colegiado da Cátedra: Clarice, Ivonaldo, Jair, Juliana Rochet, Leandro, Paulo Petronílio, Sula, Talita, Tiago, Laura Lyrio, Doris Rodrigues, Tallyta, Regina, Kamilla, Janaina, Joaquim, Osanette e Rosy.

Proposta de Organização Interna **Coordenação por Núcleos, com uma coordenação geral.**

1. ORGANICIDADE

Coordenação Geral: composta pelos coordenadores(as) dos Núcleos

2. NÚCLEOS

Núcleo 1 – Comunicação e Memória

Núcleo 2 – Extensão universitária

Núcleo 3 – Formação, estudos e pesquisas

Núcleo 4 – Juventude e cultura

Núcleo 5 – Articulação e mobilização

Sugere-se que cada pessoa deva priorizar a participação em um dos núcleos, podendo contribuir nos demais. Algumas possibilidades para os Núcleos (algumas já em andamento)

1. **Comunicação e Memória** – proposta de Memória da Cátedra – site, informativo periódico, painel virtual ...
2. **Extensão universitária** – articulação e organização de Projetos de Extensão
3. **Formação, Estudos e Pesquisas** – registros e estudos coletivos; propor estudos e pesquisas; promover estudos de aprofundamento da obra de Paulo Freire (grupos de estudos de livros, teatralização de livros, transformação de trechos ou interpretações em cartuns ou histórias em quadrinhos; programas de rádio, vídeos para redes sociais, arte e artesanato, entre outras linguagens, em intersecção com os Núcleos afins) para popularização do pensamento freireano; estabelecer diálogos com as obras de: Almicar Cabral, Álvaro Vieira Pinto, Frantz Fanon, José Martí, José Pacheco, Lauro Oliveira Lima, Maria Nilde Mascelani, Bell hooks, Anísio Teixeira, Darcy Ribeiro entre outros.
4. **Juventude e Cultura**- Festival Literário Paulo Freire, Cine Clube ...
5. **Articulação e Mobilização** - Articulação Geral – FUP, UnB, GTPA Fórum EJA DF, Portal dos Fóruns EJA, Movimentos Sociais e todos os coletivos parceiros.

3. TEMAS ARTICULADORES

- a. Educação de jovens e adultos
 - b. Formação de educadores(as) - educação do campo, ciências naturais;
 - c. Linguagens, letramento racial, artes cênicas, artes, tecnologias e ciberespaço, educação científica;
 - d. Agroecologia, soberania alimentar dos povos;
 - e. Gênero;
 - f. Juventude;
 - g. Saúde;
 - h. Patrimônio histórico, pesquisa e memória;
 - i. Democracia e direitos humanos;
 - j. Educação Popular;
 - k. Movimentos Sociais;
-

Encaminhamentos: (cada grupo deve eleger uma pessoa para fazer a relatoria das propostas coletivas na plenária final)

Núcleo 1 – Comunicação e Memória

Núcleo 2 – Extensão universitária

Núcleo 3 – Formação, estudos e pesquisas

Núcleo 4 – Juventude e cultura

Núcleo 5 – Articulação e mobilização

Propostas para o Núcleo ____:

Outras propostas gerais ou para demais núcleos da Cátedra:

Indicação de participação no Núcleo: ____

Nome completo: _____

Telefone: _____ Email: _____

Instituição: _____

Indicação de participação no Núcleo: ____

Nome completo: _____

Telefone: _____ Email: _____

Instituição: _____

Indicação de participação no Núcleo: ____

Nome completo: _____

Telefone: _____ Email: _____

Instituição: _____

(Página destacável. Utilize o verso para continuar, se necessário)

CARTA DE PARIS

Nós, membros do Conselho Mundial dos Institutos Paulo Freire, educadores, pesquisadores e militantes dos movimentos de Educação Popular, referenciados legado de Paulo Freire, que, das diversas parte do mundo, inscreveram-se no XII Encontro Internacional do Fórum Paulo Freire, realizado em Paris, França, nos dias 16 e 17 de setembro de 2021, cujo tema é “Educação, Gênero e Migração em um Contexto de Aumento do Ódio *Online*”, e **considerando**:

1.º) que as novas Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) potencializaram, como nunca, positiva e negativamente, as possibilidades de comunicação e da aproximação humanas;

2.º) que a acumulação capitalista globalizada vem exacerbando as desigualdades econômicas, sociais, políticas, de gênero, étnico-raciais, religiosas e culturais, intoleráveis, que acabam provocando deslocamentos massivos, extremamente arriscados, de populações atingidas pelas guerras e empobrecidas, para os países em que imaginam a possibilidade de terem uma vida mais segura e mais digna;

3.º) que os deslocamentos demográficos acabam por desembocar numa violência física e simbólica de grau até agora desconhecido e que determinados segmentos sociais dos países de destino acabam se valendo das TICs para propagarem, por meio do discurso e de ações de xenofobia, todo tipo de discriminação contra os migrantes, atingindo de modo mais cruel mulheres, crianças e idosos;

4.º) que, valendo-se, também, das TICs, em geral, os mesmos segmentos sociais radicalizam suas proclamações étnico-racistas, classistas, homofóbicas e de discriminações de toda espécie e, finalmente,

5.º) considerando que o Planeta e todo o patrimônio cultural nele construído pela humanidade pertence a todas e a todos, independentemente de origem, de grupo étnico-racial, sexo, classe social, orientação sexual, política, religiosa ou cultural,

PROCLAMAM:

1. Sua incondicional repulsa a toda e qualquer forma de discriminação e, mais ainda, de exclusão econômica, social, política, étnico-racial, sexual, religiosa, de gênero e cultural, bem como sua inarredável solidariedade para com os migrantes, populações em movimento e

refugiados de todas as partes do mundo, buscando promover sua recepção humana em qualquer país de destino.

2. Sua oposição veemente a toda e qualquer forma de discurso, gesto ou ação de ódio, seja presencial, seja por meio digital, contra pessoas e instituições, legítima e democraticamente constituídas, instando para que tais atitudes sejam criminalizadas pelo *corpus* normativo de todos os países do mundo.

3. A necessidade da democratização das TICs, para que todos, igualmente, possam delas lançar mão para a promoção do diálogo e da união entre as pessoas que resistem e lutam contra toda forma de discriminação, exclusão, perseguição e opressão promovidas por aqueles(as) que delas fazem uso para as finalidades da violência e da barbárie, defendendo a liberdade, a igualdade, a fraternidade, a justiça e a democracia como valores universais.

4. Sua esperança na desalienação das majorias, pela educação emancipadora, seja no sentido da superação do fatalismo em que lançou determinados segmentos à condição de “esfarrapados e esfarrapadas do mundo”, seja no da “naturalização” das desigualdades pelas elites opressoras, já que, como Freire, estamos convencidas e convencidos de que a esperança é determinação ontológica da espécie humana.

5. A convicção de que o legado de Paulo Freire está mais atual do que nunca, no sentido da resistência e da luta contra toda e qualquer forma de opressão contemporânea, considerando que suas categorias de análise e de militância constituem ferramentas importantes para a construção de um mundo no qual ainda seja possível amar e que, por isso, dá continuidade ao avanço dos processos de desenvolvimento sustentável do Planeta.

Paris, 17 de setembro de 2021.

Seguem-se a assinaturas dos presentes e de todos os aderentes à Carta de Paris.

Sobre Paulo Freire

PEQUENA BIOGRAFIA DE PAULO FREIRE

Paulo Freire nasceu um pouco depois da Revolução russa de outubro de 1917, como ele mesmo gostava de lembrar. Nasceu em Recife no dia 19 de setembro 1921. Quando era criança a sua família passou por dificuldades econômicas e Paulo experimentou muito cedo a fome. Não a fome intensa, mas uma fome suficiente para prejudicar seus estudos.

O PRATO DE DOMINGO

Certo dia de domingo, Paulo o caçula, de uma família de quatro filhos, brincava no terreno de sua casa com seus irmãos. Em um dado momento, a galinha do vizinho pulou no terreno em que brincavam. Naquele domingo a sua, Edeltrudes, não tinha nada para saciar a fome de seus filhos. De olhos esbugalhados sobre a galinha, os filhos divididos entre devolver a galinha ao seu dono, e saciar a fome daquele domingo, após uma certa hesitação, os quatro irmãos rodearam a galinha e deram o fim nela.

Com certo constrangimento, entregaram a galinha morta para a mãe, que sendo católica, havia ensinado seus filhos a não roubar, a falar a verdade, a respeitarem os seus pais, enfim todos os princípios católicos de uma boa educação. Edeltrudes, naquele dia de domingo, abriu uma exceção às suas regras de conduta, e ofereceu à sua família um prato um pouco melhor do que de costume.

Paulo foi alfabetizado pelos seus pais debaixo das mangueiras de sua casa. Escrevia no chão com gravetos as primeiras palavras de sua infância. Seu pai Joaquim, era espírita, mas isso não atrapalhava em nada seu relacionamento com Edeltrudes que era católica. É importante ressaltar que desde sua infância a educação que ele recebeu dos pais, era diferente, era dialógica, e isso certamente o influenciou bastante durante toda a sua vida. Era uma educação de liberdade sem cair na libertinagem. Essa característica educacional ele manteve mais tarde com seus filhos e filhas.

Terminou o seu curso primário em Jaboatão, cidade próxima a Recife, onde havia nascido. A mudança da família aconteceu devido à crise de 29. Foi também em Jaboatão que aos 13 anos perdeu seu pai, vítima de uma queda de cavalo, em um desfile de 7 de setembro, pois seu pai era tenente do exército. Com uma pensão muito pequena, a família voltou para o Recife, e começou então uma verdadeira maratona para sua mãe encontrar uma escola para Paulo, que oferecesse uma bolsa de estudos. Finalmente encontrou o Colégio Oswaldo Cruz, cujo diretor, Aluízo Araújo, só fez uma única exigência, que ele fosse estudioso.

Paulo gostava de estudar, tanto assim que com 21 anos era professor de Língua Portuguesa, no próprio colégio onde estudou, o Oswaldo Cruz. Ele tinha uma enorme admiração e reconhecimento pelo Dr. Araújo e sua esposa Dona Genove.

Em 1944 casou-se com a professora Elza Maia Costa Oliveira, com quem teve cinco filhos: Maria Madalena, Maria Cristina, Maria de Fátima, Joaquim e Lutgardes. Após essa experiência de docência, foi diretor do setor de Educação e Cultura do SESI, onde teve o seu primeiro contato com operários, e a alfabetização de adultos.

Em 1959 defendeu a tese “Educação e Atualidade Brasileira” na universidade do Recife, obtendo o título de Doutor em Filosofia e História da Educação.

Foi nessa época também que ele tinha alguns sonhos de se tornar advogado, mas desistiu na sua primeira causa, eu explico por quê:

O CASO DO DENTISTA

Um certo dia no Recife, bastante jovem, estava começando a exercer a sua profissão, mas por força das circunstâncias, havia se endividado para poder comprar os seus aparelhos de trabalho. Paulo Freire foi contratado pelo credor para cobrar a dívida contraída com o dentista.

Conversando com o dentista, este lhe explicou a situação difícil em que se encontrava:

_ O Senhor pode levar a minha mesa, os meus quadros, o meu sofá, minha televisão, etc... só não pode levar a minha filinha.

Diante dessa situação Paulo se sentiu extremamente desconfortável, principalmente porque lembrava-se da sua infância e dos momentos difíceis que passou pela vida, e então disse:

_ Olha, você pode ficar tranquilo por mais uma semana, porque esta é a primeira e última causa que defendo enquanto advogado. Talvez o seu credor queira continuar com essa causa, mas não serei o seu advogado.

É importante deixar claro que Paulo Freire nunca teve nada contra os advogados, nem contra a justiça; muito pelo contrário, ele era a favor da justiça, mas não tolerava a justiça que se faz só a favor de alguns.

Após esta experiência foi a nossa mãe Elza, que já trabalhava com educação na época, especialmente com crianças, que o convenceu a trabalhar com educação. Foram eles juntos que deram os primeiros passos no trabalho de alfabetização de adultos. Começaram a utilizar, que mais tarde seria chamado de método Paulo Freire, uma metodologia diferente para alfabetizar adultos. Essa nova metodologia dispensava cartilhas, e priorizava o universo vocabular dos adultos de cada região. Priorizava também a discussão com os educandos, de forma sempre dialógica, a relação entre natureza e cultura. Essa discussão por sua vez levava os educandos a perceberem que também faziam cultura. Percebiam através do seu próprio universo vocabular que eram sujeitos de sua própria história, e que, portanto, faziam história. Por sua vez ninguém faz história sem ter consciência de sua ação sobre ela. Daí, o termo que mais tarde ele chamaria de conscientização. A alfabetização, a educação, tornava-se um ato, uma atitude, eminentemente política.

Tudo isso acontecia no início dos anos 60, quando o Brasil passava por uma fase que se dividia na necessidade de um desenvolvimento industrial crescente, e por outro lado forças conservadoras também a favor da industrialização, mas não para o benefício de todos.

Paulo Freire surge nesse cenário como um intelectual e educador que poderia com seu método alfabetizar 5 milhões de adultos. Era o governo Goulart, o Ministro da Educação Paulo

de Tarso Santos o tinha convidado para expandir o seu método em todo território nacional. Esse convite aconteceu principalmente pelo êxito da experiência de alfabetização em Angicos, Rio Grande do Norte. Nesse momento Paulo Freire se posiciona realmente como um educador progressista, que começava a incomodar as forças mais conservadoras da sociedade. Incomodava porque o seu método aumentava o eleitorado brasileiro e essas forças conservadoras muito provavelmente perderiam o seu espaço político. Incomodava porque o método, a campanha de alfabetização, dentro do governo Goulart, seria um impulso para a democracia no país.

Então veio o Golpe de Estado de 64, e Paulo Freire foi preso. Foi preso porque queria alfabetizar o povo. Queria resgatar a autoestima de um povo subjugado, desrespeitado, submisso, oprimido. Ficou preso durante 72 dias, às vezes em celas desumanas, que tinham mais ou menos 60cm de largura por 1,70m de comprimento com paredes de cimento ásperas. Recusava-se à ideia de se exilar, tinha sido solto da prisão no Recife, mas após tomar conhecimento através de familiares no Rio de Janeiro que seria preso novamente, decidiu se axilar na embaixada da Bolívia. Nós a família ficamos no Brasil. Um mês mais tarde viajou para La Paz. Mas quinze dias depois, também houve um golpe na Bolívia, e então ele viajou para o Chile.

O Chile naquela época era um dos únicos países democráticos na América Latina, ou que pelo menos tinha uma postura mais aberta do ponto de vista da política. Era o governo do democrata cristão, Eduardo Frey. Quando Paulo chegou lá, muitos brasileiros já moravam no Chile. Foi Thiago de Mello, e um outro brasileiro chamado Strauss, que o apresentaram a *Jacques Chonchol* do Instituto de *Desarrollo Agropecuario*. Após ele começar a trabalhar e resolver os seus papéis para sua estadia no Chile, nós a família viajamos então para o Chile. Eu tinha cinco anos, meu irmão sete, e minhas irmãs já eram adolescentes. Lembro-me que quando cheguei ao Chile, eu pensava que Santiago era uma cidade do Brasil, e começava a falar português com as crianças, tive uma certa dificuldade de adaptação até entender afinal de contas o que tinha acontecido na nossa família, e o porquê dessa ausência tão longa do meu pai. Minha mãe achou que seria melhor não contar para mim e o Joaquim a prisão do nosso pai, mas as meninas sabiam, tanto que ajudaram a nossa mãe a enfrentar a prisão e tudo o que isso significava de sofrimento para todos nós.

No Chile nosso pai trabalhou muito e fomos todos muito bem recebidos. Naquela época o Brasil tinha muito prestígio junto aos chilenos, não pela ditadura, claro, mas pela música, pelo futebol, por tudo aquilo que de certa forma representava um certo exotismo para eles.

Foi no Chile que Paulo escreveu a *Pedagogia do Oprimido*. Esse livro de certa forma foi fruto de toda uma série de circunstâncias favoráveis, um país acolhedor, o trabalho de alfabetização dos camponeses chilenos, portanto a possibilidade de trabalhar com o método em circunstâncias favoráveis, amigos brasileiros que lá chegaram, melhores condições financeiras do que no Brasil.

A primeira leitora da *Pedagogia do Oprimido* foi nossa mãe Elza Freire. Creio que uma das pessoas que mais sofreu com o exílio, foi nossa mãe. Ela deixou o seus pais, e toda a sua carreira profissional de educadora e Diretora de Escola no Recife. Dedicou-se inteiramente à família durante todos esses longos dezesseis anos de exílio. Ela poderia ter se separado do nosso pai, quando ele se encontrava preso, como possivelmente deve ter acontecido com

vários casais. Mas muito pelo contrário ela lhe deu apoio tanto profissionalmente quanto emocionalmente.

O Chile foi um momento riquíssimo para todos nós; como havia dito muitos brasileiros tinham chegado lá, entre eles Francisco Weffort, Fernando Henrique Cardoso, José Guerra, Plínio Arruda Sampaio, Alminio Affonso, Álvaro Vieira Pinto, Ernani Fiori, Geraldo Vandré, e tantos outros que chegaram na mesma época que nós ou um pouco depois.

Vivemos no Chile de 1965 a 1969, todos sesses brasileiros se conheciam e se ajudavam uns aos outros. Existia até uma caixinha dos exilados. Todos os exilados contribuía cada mês com uma certa quantia de dinheiro para ajudar nos primeiros dias o exilado que lá chegava.

Foi no Chile que nosso pai recebeu dois convites: o primeiro para trabalhar como professor convidado da Universidade de Harvard, nos Estados Unidos, e o outro como consultor especial do departamento de educação do conselho mundial das igrejas, em Genebra, Suíça.

Ele então reuniu a família, junto com os namorados das filhas, e democraticamente ouviu os filhos e as filhas, para tomar a decisão se íamos primeiro para os Estados Unidos, ou para a Suíça. As filhas preferiram ficar, e nós os filhos como éramos muito pequenos ainda fomos com os nossos pais para os Estados Unidos.

É importante lembrar que o trabalho do nosso pai no Chile por volta de 68 estava começando a incomodar a certos setores mais conservadores da Democracia Cristã chilena. Não seria uma força de expressão, dizer que ele estava sendo perseguido. Podemos dizer que seu trabalho no Chile foi bastante intenso e que tudo o que ele escrevia era fruto de sua própria prática.

O convite de Harvard aconteceu, porque a Revista Times o havia entrevistado no Chile. Chegando nos Estados Unidos, lecionou na Universidade de Harvard e publicou em inglês a Pedagogia do Oprimido. Os escritos anteriores haviam sido publicados e escritos no Chile: Extensão ou Comunicação? E Educação com Prática de Liberdade. Nos Estados Unidos poderíamos dizer que seu trabalho foi mais acadêmico, mais teórico. De certa forma a Universidade propiciava os debates e aulas com a juventude americana da época, que vivia uma forte repressão do governo norte-americano frente aos protestos contra a guerra do Vietnã. Naquela época acontecia no mundo todo um clima de revolta contra a educação tradicional, e a pedagogia do Oprimido discutia essa educação bancária.

Mas foi em Genebra trabalhando no Conselho Mundial das Igrejas que Paulo Freire se tornou mundialmente conhecido. Através do Conselho viajou para diferentes países com exceção do Brasil, obviamente, mas se consagrou com educador e filósofo da Educação. Foi nessa época no início dos anos 70, que trabalhou na África, especialmente nas ex-colônias portuguesas, Cabo Verde, Angola, São Tomé e Príncipe, e mais efetivamente na Guiné Bissau, assessorando esses países numa ampla campanha de alfabetização. Essa experiencia ele relata no seu livro Cartas a Guiné Bissau.

Moramos dez anos em Genebra, de 1970 a 1980. As meninas que tinham ficado no Chile, já tinham nos encontrado nos Estados Unidos, assim, em Genebra, toda a família estava reunida, com exceção da Madalena que tinha se casado no Chile, e já vivia no Brasil. Recebíamos

muitos amigos brasileiros(as) que nos davam notícias do Brasil, e vinham conversar conosco a situação política do nosso país. Isso também é claro acontecia muito no Chile, quando vivíamos lá.

Aprendemos em Genebra que o importante na ausência do nosso pai, era a qualidade de estamos juntos e nem tanto a quantidade. Por outro lado, apoiávamos o seu trabalho, e entendíamos o seu compromisso político do seu trabalho.

Aprendemos muito também a relativizar a nossa experiência com diferentes culturas. Aprendemos a enxergar o mundo de forma diferente. A cada país, uma cultura diferente, mas também aprendemos a conservar a nossa cultura. Em casa falávamos sempre em português, tentávamos sempre na medida do possível comer a comida brasileira. A forma de se relacionar com os outros, a forma de conversar.

Foram de longos anos, talvez mais longos para os nossos pais, que para nós filhos, mais longos também para as filhas que eram adolescentes e para os nossos pais que tinham por volta de quarenta anos. De fato, foram dezesseis anos de exílio. Falo dessa questão da cultura principalmente pensando no meu pai. Certo dia saindo do trabalho no Chile, com um amigo de trabalho, ele amigavelmente colocou a sua mão no ombro do amigo, quando percebeu que ele começou a baixar o ombro e disse: “Paulo, no Chile um homem não põe a mão no ombro do outro.” Meu pai ficou surpreso e pensou: que cultura é essa que não permite um gesto tão amigável quanto esse? Anos mais tarde já morando em Genebra, ele viaja para Dar-es-Salam na Tanzânia, África, e lá depois da conferência, no campus da Universidade, ele sai acompanhado de um professor africano, de repente o professor agarra a mão dele, e entrelaça os seus dedos com os dele. O professor depois de um certo momento soltou a mão dele para fumar um cigarro, e então ele rapidamente colocou as mãos nos bolsos da calça. Depois então ele pensou: “Que cultura é a minha que não permite um gesto tão amigável como esse?”

Aprendemos, portanto, a relativizar a nossa cultura, com uma cultura nórdica como suíça, por exemplo, numa cultura em que os animais domésticos são quase mais queridos do que as crianças. Lembro-me que uma vez que meu pai me contou, que estava andando no frio de Genebra no inverno, com neve pelas calçadas, e de repente, ele com aquela barba branca, era Natal, uma criança pequena, 2, 3 anos, olhou para ele e disse: “Mamãe, mamãe, olha o papai Noel aí!!!” e a mãe repreendeu o filho dizendo: “Não, não, não é o papai Noel, não incomode esse senhor.”

Foram momentos difíceis sem dúvida, mas também importantes e riquíssimos nas nossas vidas.

Finalmente chegava a anistia. Voltamos definitivamente para o Brasil, no dia 16 de junho de 1980. Dia 16 de junho era aniversário da minha mãe, ela completava 64 anos de idade.

Voltamos ainda no governo do general Joao Figueiredo, mas isso não nos assustava. Tínhamos voltado para o Brasil somente eu e meus pais, Joaquim e Cristina ficaram na Suíça, Madalena já estava no Brasil, e Fátima voltaria um pouco mais tarde, pois estava vivendo na Guiné Bissau.

Paulo Freire voltou, para reaprender o seu país. Ele como ninguém, sabia fazer, o que ele chamava, de leitura do mundo.

Nos anos 80 trabalhou com professor da PUC de São Paulo, assim como da UNICAMP. Evidentemente que tendo a repercussão internacional que teve durante o exílio também viajou muito para o exterior, principalmente os Estados Unidos e Europa. Ganhou vários prêmios internacionais de Universidades, Organizações Internacionais, ganhou o prêmio de cidadão de várias cidades, entre as quais: São Paulo, Los Angeles, Angicos. Foi doutor Honoris Causa de várias Universidades, entre as quais uma das mais antigas do mundo, a de Bologna na Itália.

Em 86 um duro golpe, nossa mãe morre, aos 70 anos de idade, de um infarte. Paulo cinco anos mais jovem que nossa mãe queria encontrar-se com ela também. Foi uma dor muito intensa, quarenta e dois anos de casamento, de cumplicidade, de apoio, de companheirismo, de profundo amor.

Foi com a Ana Araújo, sua segunda mulher, que meu pai pode reencontrar o gosto pela vida. Aos poucos foi se refazendo da falta da nossa mãe, e foi podendo continuar a trabalhar. Foi assim que em 1989 foi Secretário de Educação do Município de São Paulo, durante a administração da prefeita Luiza Erundina. Em 91 afastou-se do cargo, mas não do seu colegiado.

De 1991 a 1997, trabalhou intensamente, brigando as vezes com problemas de saúde, mas continuou na medida do possível atendendo os convites nacionais e internacionais. Escreveu vários livros durante esta época sendo o seu último A Pedagogia da Autonomia.

Foi um pai, um amigo, um conselheiro, um orientador, um ser humano de imensa ternura, bondade e amorosidade. Nos deixou no dia 2 de maio de 1997, aos 75 anos. Mas me deixou também muitos irmãos e irmãs pelo mundo.

Lutgardes Costa Freire

<http://www.memorial.paulofreire.org/pdfs/A%20voz%20da%20esposa%20A%20trajetoria%20de%20Paulo%20Freire.pdf>

<http://www.acervo.paulofreire.org:8080/handle/7891/3228>

Instituto Paulo Freire: <https://www.paulofreire.org/portfolio/>

This image shows a single sheet of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.